

Laços e Desenlaces na Literatura

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Laços e Desenlaces na Literatura

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L144	Laços e desenlaces na literatura [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-496-2 DOI 10.22533/at.ed.962192407 1. Literatura – Estudo e ensino. 2. Teoria literária. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 801.95
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Qual seria a necessidade de ensinar literatura na atualidade? Por onde começar o processo de reflexão literária na escola? De que forma? Por que propor uma educação literária urgente?

As respostas para estas questões que abrem a apresentação desta coletânea podem ser encontradas nos vinte e sete capítulos que dão forma à obra, visto que todas as reflexões partem de diferentes concepções, embora tenham um único propósito: orientar o processo de formação dos leitores nas diversas trajetórias da narração. Assim, serão apresentados os sentidos que cada um dos trabalhos traz para o processo de formação dos leitores.

No primeiro capítulo são relatados os resultados da implementação de uma sequência didática realizada com estudantes do sexto ano do ensino fundamental. No segundo capítulo o autor problematiza as questões de ensino e aprendizagem de literatura na contemporaneidade, seu espaço na sala de aula e propõe a realização de uma oficina de leitura literária com a finalidade de contribuir na ampliação dos perfis de leitores. No terceiro capítulo a literatura e a cultura são utilizadas nas aulas de língua estrangeira como sendo uma das muitas possibilidades de ensino.

No quarto capítulo são problematizadas as questões do gênero fantástico na arquitetura. No quinto capítulo, além de relatar e inspira outros docentes dos anos finais do ensino fundamental quanto ao uso do livro-jogo em sala de aula. No sexto capítulo discute-se a ideia de nação e identidade em uma abordagem comparativa.

No sétimo capítulo há a problematização do quanto há de retórico e estético na inclusão das evidências históricas no código linguístico narrativo e isso permite problematizar a estabilidade do conhecimento histórico. No oitavo capítulo parte-se de uma análise das representações do sertão na obra poética *Inspiração Nordestina*, de Patativa do Assaré. No nono capítulo há o apontamento das relações entre cinema, psicanálise e literatura na análise de *Blade Runner e Inteligência Artificial* enlaçadas em Philip K. Dick e Brian Aldiss Freud com *A interpretação dos sonhos* e Lacan com seus estudos acerca do desejo.

No décimo capítulo analisam-se, comparativamente, aspectos da obra *Cidades Mortas*, de Monteiro Lobato e do romance *Malhadinha*, do escritor piauiense José Expedito Rêgo, sobretudo quanto ao ponto de intersecção temática. No décimo primeiro capítulo é feita uma análise sincrônica da ciberpoesia do web-poeta português Antero de Alda e o estilo Barroco, considerado como a primeira manifestação literária, genuinamente, brasileira. No décimo segundo capítulo analisam-se os poemas de José Craveirinha, poeta Moçambicano a partir da teoria da narrativa de viagens por Buesco, 2005, em que trata como a problemática da viagem tem sido fundamentalmente discutida nos estudos literários, apresentando como a imagem poética constrói-se pelo viés da linguagem.

No décimo terceiro capítulo aponta-se como memória individual e coletiva

exerce influência para construir uma identidade cultural e, por último, uma identidade nacional. No décimo quarto capítulo problematiza-se e compara-se a composição dos elementos do gênero fantástico nas obras *Aura*, de Carlos Fuentes e *A outra volta do parafuso*, de Henry James, levando-se em conta a utilização de aspectos atribuídos tradicionalmente ao imaginário feminino na tessitura dos contos. No décimo quinto capítulo discute-se as condições da representação feminina a partir do gênero carta.

No décimo sexto capítulo demonstra-se o erotismo nas principais personagens femininas da obra *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez. No décimo sétimo capítulo expõe-se uma investigação do *Teatro da Crueldade*, de Antonin Artaud em diálogo com o pensamento nietzschiano acerca do *Trágico* que, por sua vez, reafirma-se com e na presença do deus Dioniso. No décimo oitavo capítulo recuperam-se alguns momentos da história do naturalismo no teatro português, entre 1870 e 1910 trazendo para discussão autores, peças, críticos e teóricos coevos.

No décimo nono capítulo analisa-se como o autor Abdias Neves constrói a cenografia e se posiciona mediante suas produções discursivas literárias na obra *Um manicaca*, 1985. Além disso, nos estudos da Análise do Discurso Literário, o posicionamento do autor é marcado por uma tomada de posição e uma ancoragem em um espaço conflitualístico. No vigésimo capítulo são expostos detalhes dos elementos poéticos que foram o fio condutor do experimento cênico evidenciando uma interação direta com o espaço e as reminiscências que surgem quando o movimento do texto no corpo instaura conexões com memórias coletivas e individuais. No vigésimo primeiro capítulo realiza-se uma abordagem da relação Literatura e Vida Social em *Selva Trágica*, 1959, constituindo-se um testemunho de época, a História dos ervateiros do Mato Grosso e da fronteira Oeste do Brasil, propondo uma interpretação ficcional da possível História dos trabalhadores da Companhia Matte Larangeira.

No vigésimo segundo capítulo aborda-se um pouco da vida de Stanislaw Ignacy Witkiewicz - o Witkacy (1885-1939) e também da sua “teoria da Forma Pura”. No vigésimo terceiro capítulo investigam-se as relações estabelecidas e os sentidos engendrados entre o conto *Entre santos*, 1896, de Machado e o *Diálogo dos mortos*, de Luciano. No vigésimo quarto capítulo analisa-se um dos contos mais emblemáticos de Lawrence, *O Oficial Prussiano*, no que diz respeito à homoafetividade reprimida de dois personagens da trama, *Herr Hauptmann*, um oficial e um jovem soldado sob seu comando, Schöner, que só conseguem exprimir seus desejos por meio da violência física e psicológica.

No vigésimo quinto capítulo investigam-se as diferenças existentes entre o enredo do romance *Um estudo em vermelho*, de Arthur Conan Doyle e da adaptação da obra para o primeiro episódio da série de TV Sherlock (BBC), intitulado “Um estudo em rosa”. No vigésimo sexto capítulo relata-se e analisa-se uma experiência poético-sociológica desenvolvida na disciplina Sociologia para o Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos, em duas escolas públicas da cidade de Sertãozinho,

São Paulo. E, por fim, no vigésimo sétimo capítulo abordam-se as formas de resistência da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis em uma de suas obras poéticas.

Com a leitura de todos os vinte sete capítulos apresentados e organizados nesta coletânea algumas respostas serão produzidas às questões que deram as boas-vindas aos leitores desta coleção, pois somente assim é que será possível compreender os laces e desenlaces da leitura literária na formação de leitores.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FORMAÇÃO DO ALUNO-LEITOR: UMA PROPOSTA VIÁVEL	
Camila Augusta Valcanover	
Elisa Maria Dalla-Bona	
DOI 10.22533/at.ed.9621924071	
CAPÍTULO 2	13
ENSINAR E APRENDER LITERATURA HOJE	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.9621924072	
CAPÍTULO 3	24
LITERATURA E CULTURA NAS CLASSES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Melina Xavier de Sá Morais	
DOI 10.22533/at.ed.9621924073	
CAPÍTULO 4	34
A (DES)CLASSIFICAÇÃO DO GÊNERO FANTÁSTICO NA ARQUITETURA	
Aline Stefania Zim	
DOI 10.22533/at.ed.9621924074	
CAPÍTULO 5	43
A APLICAÇÃO DO “LIVRO-JOGO” EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Pedro Panhoca da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9621924075	
CAPÍTULO 6	51
A IDEIA DE NAÇÃO E IDENTIDADE AMERÍNDIA EM <i>MAÍRA E O RASTRO DO JAGUAR</i>	
Cíntia Paula Andrade de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.9621924076	
CAPÍTULO 7	59
A RETÓRICA DA EVIDÊNCIA	
Henrique Carvalho Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.9621924077	
CAPÍTULO 8	66
AS REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO EM <i>INSPIRAÇÃO NORDESTINA</i> DE PATATIVA DO ASSARÉ	
Ernane de Jesus Pacheco Araujo	
Silvana Maria Pantoja dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9621924078	
CAPÍTULO 9	77
<i>BLADE RUNNER</i> E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: INTELIGÊNCIA LIBIDINAL E A LITERATURA DE FICÇÃO	
Roseli Gimenes	
DOI 10.22533/at.ed.9621924079	

CAPÍTULO 10	89
DECADÊNCIA: UM PONTO DE INTERSECÇÃO ENTRE <i>CIDADES MORTAS</i> DE MONTEIRO LOBATO E <i>MALHADINHA</i> DE JOSÉ EXPEDITO RÉGO	
Elimar Barbosa de Barros José Wanderson Lima Torres	
DOI 10.22533/at.ed.96219240710	
CAPÍTULO 11	103
ECOS DO BARROCO NA CIBERPOESIA CONTEMPORÂNEA DE ANTERO DE ALDA	
Bruna Messias de Oliveira Hevellyn Cristine Rodrigues Ganzaroli Leonardo José Rodrigues Nádia Vieira Simão Pâmela Natiele Pereira Bispo Viviane Ellen Araújo Pereira Débora Cristina Santos e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.96219240711	
CAPÍTULO 12	111
ENTRE POESIA, VIAGEM E ESPAÇOS: REFLEXÕES SOBRE A POESIA DE JOSÉ CRAVEIRINHA	
Vanessa Pincerato Fernandes Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.96219240712	
CAPÍTULO 13	123
MEMÓRIA, IDENTIDADE E NACIONALISMO ÉTNICO E CÍVICO EM NARRATIVE OF THE LIFE OF FREDERICK DOUGLASS, AN AMERICAN SLAVE, WRITTEN BY HIMSELF	
Nilson Macêdo Mendes Junior	
DOI 10.22533/at.ed.96219240713	
CAPÍTULO 14	134
FASCÍNIO E TERROR: AS FIGURAS FEMININAS EM <i>AURA</i> DE CARLOS FUENTES E <i>A OUTRA VOLTA DO PARAFUSO</i> DE HENRY JAMES	
Danielli de Cassia Morelli Pedrosa Ana Lúcia Trevisan	
DOI 10.22533/at.ed.96219240714	
CAPÍTULO 15	145
RECEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA CONDIÇÃO FEMININA EM: <i>RESPOSTA A SÓROR FILOTEA DE LA CRUZ</i>	
Margareth Torres de Alencar Costa	
DOI 10.22533/at.ed.96219240715	
CAPÍTULO 16	151
O EROTISMO NAS PERSONAGENS FEMININAS EM <i>CIEN AÑOS DE SOLEDAD</i> , DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ	
Margareth Torres de Alencar Costa Thiago de Sousa Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.96219240716	

CAPÍTULO 17	160
A POTÊNCIA TRÁGICA-DIONISÍACA NO TEATRO DA CRUELDADE DE ANTONIN ARTAUD	
Rodrigo Peixoto Barbara	
DOI 10.22533/at.ed.96219240717	
CAPÍTULO 18	171
O TEATRO NATURALISTA EM PORTUGAL (1870-1910)	
Claudia Barbieri Masseran	
DOI 10.22533/at.ed.96219240718	
CAPÍTULO 19	181
A CENOGRAFIA E O POSICIONAMENTO DO AUTOR NO DISCURSO LITERÁRIO DE <i>UM MANICACA</i>	
Érica Patricia Barros de Assunção	
João Benvindo de Moura	
DOI 10.22533/at.ed.96219240719	
CAPÍTULO 20	192
CONVERSAS DE UM POETA COLECIONADOR: A TRANSPOSIÇÃO DA LITERATURA BENJAMINIANA EM DRAMATURGIA PARA O MONÓLOGO “HAVERES DA INFÂNCIA; UM POETA COLECIONADOR”	
Erika Camila Pereira dos Santos	
Cláudio Guilarduci	
DOI 10.22533/at.ed.96219240720	
CAPÍTULO 21	203
OS ERVAIS DE SELVA TRÁGICA: UMA VIA DE MÃO ÚNICA – DEGRADAÇÃO E MORTE	
Jesuino Arvelino Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.96219240721	
CAPÍTULO 22	213
STANISLAW IGNACY WITKIEWICZ – A FORMA PURA E O ÊXTASE MÍSTICO PELA ARTE	
Andrea Carla de Miranda Pita	
DOI 10.22533/at.ed.96219240722	
CAPÍTULO 23	221
UM DIÁLOGO DOS MORTOS À BRASILEIRA	
Iasmim Santos Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.96219240723	
CAPÍTULO 24	232
A VIOLÊNCIA E A HOMOAFETIVIDADE REPRIMIDA NO CONTO <i>O OFICIAL PRUSSIANO</i> , DE D. H. LAWRENCE	
Iêda Carvalhêdo Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.96219240724	
CAPÍTULO 25	241
<i>UM ESTUDO EM VERMELHO</i> VERSUS “UM ESTUDO EM ROSA”: ARTHUR CONAN DOYLE E UMA ADAPTAÇÃO TELEVISIVA	
Maria Luand Bezerra Campelo	
Vanessa de Carvalho Santos	
Wander Nunes Frota	
DOI 10.22533/at.ed.96219240725	

CAPÍTULO 26	251
“O IMPORTANTE PARA O TRABALHADOR É SABER DO SEU VALOR”: ESCRITAS DE SI COMO INSTRUMENTOS DE RESSIGNIFICAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DE ESTUDANTES- TRABALHADORES	
Patricia Horta Lívia Bocalon Pires de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.96219240726	
CAPÍTULO 27	263
“CANTA, POETA, A LIBERDADE, - CANTA”: A VOZ POÉTICA AFRO-BRASILEIRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS	
Juliana Carvalho de Araujo de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.96219240727	
SOBRE O ORGANIZADOR	270
ÍNDICE REMISSIVO	271

UM DIÁLOGO DOS MORTOS À BRASILEIRA

Iasmim Santos Ferreira

Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Letras, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
São Cristóvão – Sergipe.

RESUMO: Há entroncamentos entre a produção de Machado de Assis e a tradição luciânica, que sucede à sátira menipéia. Segundo os estudos de Sá Rego (1989) e de Brandão (2001), muitas das características dessa linhagem estão presentes nos escritos de Machado, como: o pessimismo, a ironia, o olhar distanciado do *Kataskopos*, o ceticismo, a paródia. Por esse prisma, investigamos as relações que se estabelecem e os sentidos engendrados entre o conto “Entre santos” (1896), de Machado, e o *Diálogo dos mortos*, de Luciano.

PALAVRAS-CHAVE: conto machadiano; tradição luciânica; *Diálogo dos mortos*.

ABSTRACT: Some junctions between the write production by Machado de Assis and the lucianic tradition take place the menipeia satire. According to Rego (1989) and Brandão (2001) studies, many of the characteristics of this line are included in the Machado writings, like the pessimism, the irony, the distanced look to *Kataskops*, the skepticism, the parody. From this perspective, we search the relations that is

established and the framed meanings between the tale “Entre santos” (1896) by Machado and the “Diálogo dos mortos” by Luciano.

KEYWORDS: machadiano tales; lucianic tradition; Dead Dialogs.

“INFLUÊNCIA EM CASCATA”: DA SÁTIRA MENIPÉIA AOS ESCRITOS MACHADIANOS

Machado de Assis tornou-se afamado pela produção de contos e de romances, sobretudo, pelos da fase realista. Seus escritos são conhecidos também pela relação dialógica que estabelecem com os de outros autores. Inicialmente, a crítica literária concebia essa relação como “cópia”, no entanto com o passar dos anos, a crítica compreendeu como um modo de produção de Machado, que se alinha a outros autores por finalidade intelectual.

O estudioso Sérgio Paulo Rouanet, em *Riso e Melancolia*, considera uma “influência em cascata”, na qual um influencia ao outro, o que gera produções concatenadas, numa espécie de elo entre Sterne, Xavier de Maistre, Diderot, Almeida Garret e Machado de Assis (2007, p. 21). Machado é o último desse elo e, portanto, dialoga com todos que o precedeu. Todavia, as raízes dessa influência em cascata estão na antiga sátira menipéia. Uma tradição

satírica atribuída a Menipo de Gadara, uma zombaria que rejeita a moral. Segundo Enylton José de Sá Rego em *O calundu e a panaceia* (1989), há poucas informações sobre Menipo. No entanto, ele deixa um legado a Luciano de Samósata que apreende e constrói o seu tipo satírico, denominado de “tradição luciânica”, não só apreende o modo de satirizar, mas também devota a Menipo um lugar especial em seus escritos, logo, esse passa a ser personagem em alguns dos escritos de Luciano, como é o caso do *Diálogo dos mortos*, sendo-o personagem principal.

Conforme Sá Rego (1989), são características dessa tradição: o questionamento genérico, o estilo fragmentário, a paródia e o nacionalismo, o caráter não-moralizante, as citações truncadas, o ponto de vista distanciados do *Kataskopos* (observação distanciada do objeto analisado). Essas características são observadas na obra de Machado por outros estudiosos com outras nomenclaturas e sem relação direta com a tradição luciânica, exceto Sá Rego e Jacyntho Lins Brandão em “A Grécia de Machado de Assis” (2001).

Luciano se apropriou da forma de diálogo, herdada da filosofia, e uniu à comédia, construindo diálogos sério-cômicos numa espécie de “filosofia que ri da filosofia”. Machado se alinha ao modo luciânico ou à “Grécia de Luciano” (como afirma Brandão) e alimenta-se das características da tradição e da própria produção de Luciano. Desse modo, as crônicas “Parasita” (I e II) retomam *O Parasita*, de Luciano. O conto “Teoria do Medalhão” menciona diretamente o próprio Luciano. O conto “Entre santos” (1896) recobra o *Diálogo dos mortos*, de Luciano, como observa Brandão (2001, p. 358). Assim, para apreciação analítica neste estudo, faremos uma comparação entre esses dois últimos a fim de compreender quais relações se estabelecem, quais os recursos utilizados e os sentidos engendrados a partir desse diálogo dos mortos à brasileira.

UM DIÁLOGO DOS MORTOS À BRASILEIRA

O *Diálogo dos mortos*, de Luciano de Samósata, é uma conversa entre reis, guerreiros, filósofos, retores; todos mortos. Menipo, personagem principal, é convidado por Diógenes para descer até o Hades. Esse convite não é em vão, visto que Menipo é um grande zombeteiro que tem por premissa atacar as preocupações da humanidade. Sua cantoria provoca aos seus ouvintes, e a nós leitores, a fim de fazer-nos enxergar a finitude da vida: “Quem sabe com certeza das coisas de além-vida?” (LUCIANO, *Diálogo dos Mortos*, p. 45).

Menipo vai ao Hades, pois lá há garantia do riso graças ao rebaixamento de todos: “os ricos, os sátrapas, os tiranos”, na condição de “rebaixados e insignificantes”, “reconhecidos apenas pela lamentação”, e todos presos à vida terrena, recordando a todo tempo das experiências vividas. Uma das características da comicidade é o rebaixamento, conforme aponta o filósofo Henri Bergson em *O Riso* (2007, p. 43). O

rebaixamento, como é mostrado no diálogo, consiste numa alerta para a fugacidade da vida. Atrelado à abordagem bergsoniana, o riso é um meio de correção grupal, com isso o diálogo inicia-se alertando sobre valores e preocupações com a vida, numa mistura entre filosofia e comédia, como é próprio da tradição luciânica. Vale mencionar que ao final de seu estudo, Bergson (2007, p. 129) conclui ser a vaidade o maior de todos os vícios, sendo os demais apenas desdobramentos dela. No *Diálogo dos mortos* podemos notar a exibição e o ataque a vaidade por meio de uma profunda zombaria.

No diálogo, Menipo é apresentado como feio, liberto da vaidade das belas roupas e etiquetas formais, sua roupa é velha e cheia de remendos. A descrição feita por Diógenes sobre Menipo, para que Pólux pudesse identificá-lo, chega a considerá-lo uma criatura horrenda: “Ele é velho, careca, tem um pequeno manto todo esburacado, esvoaçando a qualquer vento; e multicolorido, por causa da superposição dos remendos. Ele está sempre rindo e, na maior parte do tempo, zombando daqueles filósofos charlatães” (LUCIANO, *Diálogo dos Mortos*, p. 47). No entanto, ele está acima dos filósofos, pois consegue ao invés de discutir filosofias gastar boa parte do seu tempo rindo, zombando daqueles que se consideram mais sábios. E a feiura também é uma das características da comicidade (BERGSON, 2007).

Além de apontar para a zombaria em triunfo da filosofia, sendo Menipo mais sábio e bem-vindo que os filósofos, o diálogo desdobra uma série de reflexões acerca do valor dado à vida e ao domínio dos bens sobre o homem. Além de emitir recados aos ricos, ele ataca outros matizes da vaidade: a beleza e a força. Menipo também dá conselhos aos pobres, a fim de mostrar e criticar a disparidade entre ricos e pobres na vida terrena e exibir o triunfo da igualdade no Hades. Hermes adjectiva Menipo como “alguém absolutamente livre. De nada se preocupa” (LUCIANO, *Diálogo dos Mortos*, p. 55). Um ser que vive a cantarolar, em seus lábios se encontram a máxima de Delfos: “conhece-te a ti mesmo” (LUCIANO, *Diálogo dos Mortos*, p. 61). Por conseguinte, é capaz de contra-atacar os mortos que ainda estão profundamente vinculados à vida que tiveram, com isso revelam que não se conhecem ao desconhecerem a finitude da existência.

O diálogo apresenta uma variedade de temas: a inveja, a beleza física, a sabedoria, o poder, a construção dos heróis, a filosofia, a retórica, a morte, o apego ao dinheiro. E sobre esse, Caronte alerta a Hermes, ao dizer: “É que o dinheiro, Hermes, é uma das coisas mais desejáveis” (LUCIANO, *Diálogo dos Mortos*, p. 123). Ademais, é sobre essa temática que Machado se debruça no conto “Entre santos”, publicado em 01 de janeiro de 1886 na *Gazeta de Notícias*. Narrado em 1ª pessoa do singular, numa espécie de remonte da memória de um capelão de São Francisco de Paula, município do estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Num deslocamento temporal, como próprio de Machado de Assis em seus romances realistas, o conto narra uma lembrança de um ocorrido misterioso num templo na

cidade de São Francisco de Paula. Sob suspense, o capelão conta que numa noite, ao ver se as portas da igreja estavam bem fechadas, percebe luzes acesas que não são de lanternas. O velho capelão encontra-se sozinho na missão de desvendar o mistério, já que o sacristão estava em Niterói. Não só a luz assustava, mas também as conversas que ouvia. Então, ele começou a pensar que poderia ser um diálogo de defuntos, visto que, nessa época, sepultavam os cadáveres nas igrejas.

A voz narrativa revela ter perdido o medo e a reflexão, passando então a contemplar a conversação dos santos. De um lado são José e são Miguel, do outro são Francisco de Sales e são João. Não é sem motivação que Machado escolhe-os como personagens, são santos relevantes para a fé católica. São José, pai de Jesus, é adorado pela igreja católica e considerado padroeiro dos pobres. São Miguel ou Arcanjo Miguel tem representatividade também fora da redoma cristã, considerado mensageiro, guerreiro e símbolo de Deus. São Francisco de Sales foi um grande nome na fé católica durante o período da reforma protestante, um bispo atuante em Genebra no século XVII, autor do livro *Introdução à Vida Devota*. São João é um preparador dos caminhos de Jesus na terra, conhecido como João Batista.

Machado de Assis propõe um diálogo ficcional entre esses santos católicos à moda luciânica. Nesse diálogo, os santos têm características humanas, virtudes e defeitos, mais os segundos que os primeiros. No decorrer do conto, o narrador exhibe os santos como curiosos, altivos, preconceituosos, ou seja, semelhantes aos homens; porém, com uma diferença: podem vê-los intimamente e julgá-los. Essa vazão dos pensamentos dos santos, por via ficcional, constrói outra face da crença, não pela perspectiva dos fiéis, mas pela das divindades.

Os santos são tomados como “terríveis psicólogos” e desmembram os fiéis no mais profundo de seus pensamentos e sentimentos. Machado atribui a são João Batista e a são Francisco de Paula o caráter de mais severos e a Francisco de Sales o de mais indulgente. Com isso, mostra diferenças entre eles, como entre as pessoas “comuns”, severos e brandos, e os julgamentos feitos a outrem como faz a sociedade. As confissões dos santos funcionam também como um mecanismo de desvelar a interioridade das pessoas que se expõem nas preces, pois são circunstâncias que se sentem ouvidas e têm suas afirmações sob sigilo. Ao passo que as confissões deles mostram o pensamento da moral social e religiosa, nesse caso cristã, que tende a reprimir as vontades alheias.

O conto se coloca numa narração crescente, na qual os santos vão relatando os perfis e os comportamentos dos fiéis. Segundo a voz narrativa, alguns “casos de fé sincera e castiça, outros de indiferença, dissimulação, versatilidade” (ASSIS, 2015, p. 441). Apesar do “nojo” sentido pelos outros santos diante das faltas dos fiéis, são Francisco de Sales “recordava-lhes o texto da Escritura: muitos são chamados e poucos os escolhidos” (Ibid., p. 441). No entanto, João Batista confessa: “vou criando um sentimento singular em santo: começo a descrer dos homens” (2015, p. 440). Machado coloca os santos numa disputa sobre a humanidade ser boa ou má,

se é possível haver fé e proceder “corretamente”, consoante aos padrões sociais e religiosos. Além de inverter a crença, agora são os santos que creem ou descreem dos homens, não mais os homens que creem ou descreem neles. Nessa disputa ficcional, são Francisco Sales representa o pensamento positivo, esperançoso, e os demais santos posições pessimistas. O pessimismo vence o positivismo; na verdade, Machado coloca, inicialmente, são Sales como o piedoso, no entanto no decorrer do conto ele se mostra pessimista como os demais santos. É, portanto, uma jogada irônica.

São Sales responde ao pessimista João Batista, propondo que desconte a parte ruim dos homens e restará algo bom. Machado constrói um jogo de ironias para confrontar a conjuntura do ser, com isso leva-nos à reflexão: é possível descontar a maldade e restar ainda algo de benéfico na humanidade? À moda luciânica, Machado ataca a vaidade da humanidade e exhibe-a pelas impressões e julgamentos dos santos católicos.

A narração é dividida pelo capelão, que conta a conversação entre os santos, e por são José e são Francisco de Sales, ao retratarem dois casos particulares. São José revela a situação de uma “adúltera”, que havia brigado com o namorado e foi até ele para limpar “o coração da lepra da luxúria”, com o objetivo de abandoná-lo, busca o santo. Todavia, são José faz uma leitura descortinada de suas verdadeiras intenções, não há como ludibriá-lo. Ele nota como sua prece desfalece pouco a pouco: “Já a oração era morna, depois fria, depois inconsciente; os lábios afeitos à reza, iam rezando; mas alma, que eu espiava cá de cima, essa já não estava aqui, estava com o outro” (ASSIS, 2015, p. 442). Machado dispõe a humanidade vivaz na divindade. Causa a impressão de uma análise profissional a despeito da situação daquela mulher, e não a fala de um santo, a quem ela recorre. No entanto, a postura de são José parece-nos um espelhamento da posição humana frente à dor de outrem, carregada de julgamento. À medida que o santo espelha o comportamento humano, também nos instiga a pensar sobre a função e a importância da religião, senão é mesmo o de tolher comportamentos e permitir a evasão de desejos e desvios de padrões sociais por meio das preces? Seria a prece um meio para o ser dialogar consigo mesmo?

O narrador-personagem faz uma reflexão de si enquanto ser humano diante dos santos, de como esses poderiam vê-lo. Assim, “Aqui fiquei com medo; lembrou-me que eles, que veem tudo o que se passa no interior da gente, como se fôssemos de vidro, pensamentos recônditos, intenções torcidas, ódios secretos, bem podiam ter-me lido já algum pecado ou germe de pecado” (ASSIS, 2015, p. 442). É interessante como a possibilidade de ser visto por alguém que visualize o ser na mais completa interioridade faz com que se tema a visão do outro, ao tempo que também se reconheça no mais profundo. O narrador se espelha pela visão do que os santos poderiam ver de si e como num “vidro”, ele mesmo percebe seus “pensamentos recônditos, intenções torcidas, ódios secretos” e até o “germe de pecado”, ou seja,

aquilo que nem se tornou pecado concreto ainda. Vê-se a partir do olhar do outro é reconhecimento e construção de si mesmo. Machado toca nessas questões subjetivas e psicológicas do ser humano por meio da experiência de um narrador que presencia a conversa de santos.

Outro caso particular é contado por São Francisco de Sales. Trata-se de um homem de cinquenta anos que tem sua esposa acometida de erisipela na perna esquerda. Machado faz um gracejo: nomeia tal homem igual ao santo, também se chama Sales. Para contar a vida desse homem, São Sales recorre aos gracejos e diz que seu xará é “usurário como a vida, e avaro, como a morte” (ASSIS, 2015, p. 442). Alguém incapaz de gastar um centavo que seja. Seu único lazer é contar anedotas, porque é um prazer gratuito. A fala do santo é marcada de gracejos para aliviar o leitor da estória trágica e para apontar o cômico como alívio na vida da personagem. A família do avaro é composta dele, da esposa doente e de uma mulher escravizada, adquirida por contrabando, e quando essa falece é enterrada como pessoa livre e miserável para não ter custos com a sepultura. Sales é um homem extremamente apegado ao dinheiro, ao ponto de trocar valores éticos por monetários, prova disso: o contrabando e o sepultamento da pobre mulher.

A estória do Sales avaro mostra muitas questões das relações com o dinheiro. Ele promete ao santo que se curasse a sua esposa daria, então, uma “perna de cera” como símbolo da graça alcançada. No entanto, pela crença católica, o santo ocupa uma posição elevada em comparação aos seres humanos, e, por isso, faz a leitura do que realmente desejava aquele pecador: “Despender é documentar” (ASSIS, 2015, p. 443). A morte da esposa traria despesas com documentos e sepultura, portanto, pagar uma perna de cera seria menos custoso, e ainda teria a esposa viva. Ironicamente, São Sales diz que aquele homem amava a doente. “Naquele muro aspérrimo brotou uma flor descorada e sem cheiro, mas flor. A botânica sentimental tem dessas anomalias” (ASSIS, 2015, p. 443). Machado, por meio desse enlace amoroso, engendra sentidos para que pensemos se de fato Sales amava a esposa ou se essa disputava espaço com o amor ao dinheiro.

A construção da conversação entre os santos é também um meio para criticar a sociedade fora dela, como é próprio dos escritos machadianos. A criação de uma voz narrativa de um defunto em *Memórias póstumas de Brás Cubas* nada mais é que uma construção ficcional para poder observar e criticar determinadas posturas sociais fora da redoma dessa sociedade, pela voz de alguém que já não estava vivo. Os santos são vozes fora da realidade concreta e, mais, são observadores mais precisos que qualquer outro, pois veem a tudo e a todos. Esse modo de observar distanciado do objeto é chamado por Sá Rego (1989) de ponto de vista distanciado do *Kataskopos*; vinculado à tradição luciânica, Machado apreende o prisma de Luciano: ver ao longe.

A relação de Sales com o dinheiro reflete em vários aspectos de sua vida, dentre eles, na sua crença. São Sales diz que ele “Não entrou nunca em irmandades

e ordens terceiras, porque nelas se rouba o que pertence ao Senhor; é o que ele diz para conciliar a devoção com a algibeira” (ASSIS, 2015, p. 443). Numa crítica dupla as instituições, que sofrem extorsões e desviam o curso das doações, e ao apego dos fiéis ao dinheiro, que contraria aos princípios da fé cristã, na qual o dinheiro não pode ser senhor do fiel. Sales é um reflexo do homem no confronto entre o seu desejo avaro e a devoção católica. Desse modo, qual o deus a quem esse serve? Como funciona a fé em Deus diante do capital?

No ar, diante dos olhos, recortava-se-lhe a perna de cera, e logo a moeda que ela havia de custar. A perna desapareceu, mas ficou a moeda, redonda, luzidia, amarela, ouro puro, completamente ouro, melhor que o dos castiçais do meu altar, apenas dourados. Para onde quer que virasse os olhos, via a moeda, girando, girando, girando. E os olhos a apalpavam, de longe, e transmitiam-lhe a sensação fria do metal e até a do relevo do cunho. Era ela mesma, velha amiga de longos anos, companheira do dia e da noite, era ela que ali estava no ar, girando, às tontas; era ela que descia do teto, ou subia do chão, ou rolava no altar, indo da Epístola ao Evangelho, ou tintilava nos pingentes do lustre. (ASSIS, 2015, p. 443)

São Sales penetra os pensamentos de Sales, adentra com profundidade e observa como a moeda ganha uma dimensão concreta da vontade desse homem, de modo que a ideia da perna de cera esvai-se e a moeda de ouro puro é resguardada. São Sales contraria-se por causa dos castiçais apenas dourados. Assim, revela um comportamento também impregnado pelo apego ao dinheiro, contrastando com a posição de um santo e com a crítica que faz ao seu devoto. A moeda transmite ao tato a frieza e relevo do metal, é uma velha amiga e companheira incansável de Sales, não é em vão que a vê girando diante de si. A descrição afetuosa que faz São Sales da relação de Sales com a moeda demonstra o valor afetivo atribuído ao dinheiro, suplantando a crença e o amor a esposa.

No decorrer do conto, São Sales exhibe a oscilação que sofre o pobre homem escravo da moeda, tem alucinações e é perseguido pelos fantasmas da promessa, da possibilidade de cura da mulher amada e da perda da moeda. Dessa maneira, numa linguagem comercial, o santo afirma: “o demônio da avareza sugeria-lhe uma transação nova, uma troca de espécie, dizendo-lhe que o valor da oração era superfino e muito mais excelso que o das obras terrenas” (ASSIS, 2015, p. 444). A ironia presente pelo uso da linguagem mercadológica e pela transposição de valores maquia o valor da oração, que passa a ser valorada acima das obras terrenas, não por ser considerada desse modo, mas para resolver o conflito da personagem, encontrando uma resposta louvável para ludibriar a si mesma e poder fazer a sua vontade avara. Ao invés de uma perna de cera, 1000 padre-nossos e mil ave-marias. O santo narra a solução angariada pelo seu devoto com intensificação, utiliza de repetições para demonstrar os conflitos da personagem: “1000-1000-1000”, “trezentos, trezentas, trezentos”, “ia morrer... ia morrer... ia morrer” (ASSIS, 2015, p. 443-444).

São Sales encerra seu caso, realmente complexo, com boas risadas dos santos. “E os outros santos riram efetivamente, não daquele grande riso decomposto

dos deuses de Homero, quando viram o coxo Vulcano servir à mesa, mas de um riso modesto, tranquilo, beato e católico” (ASSIS, 2015, p. 444). Conforme mostra Brandão em “A Grécia de Machado de Assis” (2001), Machado tem uma Grécia que não é de qualquer grego, mas a de Luciano, ou seja, incorpora características, fatos, estórias, perspectivas à luz da tradição luciânica ou da Grécia de Luciano. O riso dos santos aqui difere do riso que os deuses tiveram ao ver Vulcano ou Hefesto, o deus manco. Machado retoma essa cena retratada na *Ilíada* para fazer um paralelo entre os risos “elevados”, provindos de deuses ou santos. No caso desses últimos, não se trata de um riso que zomba de uma deformidade física, mas um riso que satiriza a deformidade da “alma” ou da consciência. A imagem dos santos como ridentes é um golpe do riso na construção machadiana. Segundo o historiador Georges Minois (2003, p. 111-154), a igreja romana proibiu o riso durante a Idade Média e atribuiu-o à figura do diabo. No entanto, no conto, o riso é estampado nos lábios dos santos ao rirem da maldade dos homens. Um riso que funciona duplamente, exercendo duas características peculiares e distintas do cômico: o alívio das tensões e a correção grupal. A primeira foi comprovada pelos estudos de Sigmund Freud na descoberta do inconsciente no ensaio *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1977), sendo-o um instrumento de escape das pressões. A segunda pode ser vista à luz do filósofo Henri Bergson, na obra *O Riso* (2007), a qual versa sobre o riso na perspectiva de corrigir a sociedade de comportamentos concebidos como inadequados; ao rir, ridiculariza tais procedimentos. O riso dos santos serve para aliviá-los das tensões, ao refletirem sobre o comportamento de seus fiéis, ao tempo que demonstra a reprovação de suas ações. Bergson (2007) diz ser preciso certo distanciamento para conseguir rir de outrem, sendo o riso um elemento humano e social, que se dirige à inteligência. Assim, os santos riem porque estão num patamar elevado, distanciado dos fiéis, saboreiam do riso entre eles. Depois de relatar esses ridentes, o narrador acorda do sonho, eximindo-se dos fatos relatados.

Machado, um “cético desabusado” tal qual Luciano de Samósata, não está preocupado em refletir sobre a fé em si, mas sim em escrever nas lacunas deixadas nos diálogos, em pensar e criar uma voz para a parte silenciada. Semelhante trabalho desenvolve no conto “Lágrimas de Xerxes”, no qual propõe um diálogo entre Romeu e Julieta, um clássico de William Shakespeare, e o frei Lourenço. Quanto a essa relação Brandão afirma: “De um lado, temos Machado de Assis que escreve nos silêncios do que escrevera Shakespeare; de outro, a personagem de Machado que fala nos silêncios do que falara Heródoto” (2001, p. 3). O crítico marca a relação dialógica machadiana que fala para suprir o silêncio da tragédia de Shakespeare e o silêncio do grego Heródoto, assim as lágrimas de Xerxes passam a ser um sinal no céu para o casal e toda a epifania do conto desemboca em sarcasmo (BRANDÃO, 2001). O interesse de Machado em escrever nesses silêncios também é evidenciado no conto “Entre santos”.

Alinhado à tradição luciânica, Machado demonstra consciência de ficcionalidade

como o próprio Luciano de Samósata. Em nosso *corpus*, a voz narrativa mostra-se consciente do ato de narrar e afirma: “Não posso descrever o que senti” (ASSIS, 2015, p. 440). Noutro momento, o narrador justifica o modo de narrar a estória dos Sales, a fim de mostrar a impossibilidade de narrar como ouviu, pois, era uma descrição “longa”, “miúda” e “complicada” (ASSIS, 2015, p. 443). Em consonância ao pensamento de Brandão (2015) sobre a ficcionalidade, reconhecemos nesse diálogo uma consciência ficcional que torna a criação ciente do seu papel e direção ideológica, explicitando os caminhos escolhidos e estabelecendo diálogo com o leitor.

O *Diálogo dos mortos*, de Luciano, tem como personagem principal Menipo, que ataca as vaidades dos outros, boa parte de suas falas diz respeito a acontecimentos e a características das pessoas que ele encontra no Hades, sendo sua voz a mais preponderante em todo o diálogo. Já no conto “Entre santos”, de Machado, o narrador personagem, o velho capelão, conta a maior parte da estória e divide esse espaço de fala com os dois santos que narram os casos particulares. São Francisco de Sales conta o mais intrigante e longo dos casos, ocupando um espaço considerável de fala. O santo, assim como Menipo, satiriza as atitudes dos homens, nesse caso não diante da morte, mas da vida corriqueira, não no Hades, mas numa igreja.

A construção ficcional machadiana, semelhante à de Luciano, reside numa figura zombeteira, que se encontra acima dos demais humanos, são Sales, e consegue discutir com distanciamento os problemas da existência por causa dos valores e princípios sociais, sobretudo, o apego ao dinheiro. No caso do santo é uma zombaria polida que reside em ironia, pois contra-ataca do mesmo modo que Menipo, porém com duas distinções: não fala diretamente ao fiel (como Menipo fala aos andantes no Hades) e sua zombaria é beata. Nisso reside a grande ironia do conto: um santo que julga ferozmente o fiel. Nele não há piedade, há, pelo contrário, elevação de espírito, ao ponto de dizer: “Deus tinha de salvar a doente, por força, graças à minha intervenção, e eu ia interceder” (ASSIS, 1886, p. 443). A salvação da mulher doente se daria graças à intervenção de São Sales e ele exhibe essa certeza, numa dimensão de obrigatoriedade por parte de Deus em socorrê-la devido à sua intervenção. No entanto, isso não é uma petulância para um santo que deveria ser piedoso e humilde? Ele revela não crer mais nos homens. Um santo homem ou um homem santo que já não se compadece de quem o busca, julga-o e se coloca numa posição elevada. Todavia, julga ao seu xará por ser um avaro, ao passo que também reclama dos seus castiçais que não são de ouro, são apenas dourados (ASSIS, 1886, p. 444). Assim, Machado constrói, sob a ironia, um santo zombeteiro ou um zombeteiro santo tolhido pelo aspecto de beato. Uma atualização de um Menipo à brasileira.

Ademais, Sá Rego ao observar a obra de Machado em comparação à de Luciano, localiza uma menção ao *Diálogo dos Mortos*. Num texto publicado por causa da morte de Eduardo Prado em 30 de agosto de 1901. Segundo Sá Rego,

Machado diz: “Conta-se que Eduardo Prado chorou, quando morreu Eça de Queirós. Agora, que ambos são mortos, alguém que imaginasse e escrevesse o encontro das duas sombras, à maneira de Luciano, daria uma curiosa página de psicologia” (1989, p. 91-92). E é exatamente sob o prisma fecundo da imaginação que Machado escreve um encontro entre santos católicos ao modo luciânico, sendo uma “página de psicologia” como sugere para algum escrito que promovesse o encontro dos mortos, Eça e Eduardo Prado. Essa menção ao diálogo de Luciano, localizada por Sá Rego, é mais uma pista do conhecimento de nosso autor sobre a produção do sírio helenizado e como essa repercute em seus escritos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto “Entre santos” promove uma atualização do *Diálogo dos mortos*, de Luciano de Samósata. Ambos têm zombeteiros que estão acima dos demais homens, Menipo e são Sales, atacam a vaidade humana, estão em espaços distanciados da vida corriqueira (no Hades e na igreja, na posição de inacessíveis), são capazes de penetrar nos pensamentos e sentimentos de outrem (andantes no Hades e fiéis na igreja). No entanto, o riso de Menipo é escancarado, aberto e livre, já o dos santos é contido. Todo o conto é marcado pela construção irônica: os santos são pessimistas, até mesmo são Sales, que se mostra otimista inicialmente, têm mais vícios que virtudes, descem dos nichos para falarem mal dos fiéis, representam um espelhamento humano e psicológico, expõem os limites da moral social, penetram nas intenções e sentimentos humanos, por fim, os santos são ridentes, contrastando com a perspectiva beata católica, e nisso Machado arremata o conto. Em suma, Machado incorpora características da tradição luciânica e amplia um dos subtemas do *Diálogo dos mortos*: o dinheiro. Com isso, engendra muitas discussões como as relações crença e dinheiro, amor e dinheiro, santos e homens, prece e graça; construindo assim, um verdadeiro diálogo dos mortos à brasileira.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. Entre santos. 1894. In: **Machado de Assis**: obra completa em quatro volumes. Org. Aluizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloisa Jahn. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2015. (v. 2)

BERGSON, Henri. **O Riso**. Tradução Ivone Castilho Benedetti – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007 – (Coleção Tópicos).

BRANDÃO, Jacyntho Lins Brandão. A Grécia de Machado de Assis. In: MENDES, Eliana Amarante de Mendonça; OLIVEIRA, Paulo Motta; BENN-IBLER, Veronika. **O novo milênio**: interfaces linguísticas e literárias. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001. p. 351-374.

FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Tradução: Margarida Salomão. 1ª Edição, Vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

MINOIS, Georges. 1946. **História do riso e do escárnio**. Tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. – São Paulo: Editora UNESP, 2003.

ROUANET, Sergio Paulo. **Riso e melancolia**: a forma shandiana em Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garrett e Machado de Assis. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SÁ REGO, E. José de. **O Calundu e a panaceia**: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989. 193 p. Coleção “Imagens do Tempo”.

LUCIANO. Séc II. **Diálogo dos mortos**: versão bilíngue grego/português. Tradução, introdução e notas de Henrique G. Murachco. São Paulo: Palas Athena: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptação 241

Análise 6, 20, 181, 182, 183, 186, 191, 241

B

Brasileira 5, 50, 102, 105, 169, 250, 263, 265

C

Cenografia 181, 184

Cinema 82, 86, 87

Cultura 33, 76, 86, 87, 121, 132, 133, 150, 180, 250

E

Educação de Jovens e Adultos 6, 251, 252, 253, 262

Ensino 6, 1, 2, 32, 43, 50, 66, 94, 102, 123, 251, 253, 262

Ensino Fundamental 1, 2, 43

Ensino Médio 6, 32, 251, 253, 262

Erotismo 151, 152, 159

Estético 150

Estudos 32, 105, 121, 174, 176, 180, 202

Experiência 194

H

Homoafetividade 232

I

Identidade 123, 132, 135

L

Leitura literária 13

Linguagem 161, 169, 191

Literatura 2, 6, 11, 13, 14, 23, 32, 33, 41, 50, 58, 59, 75, 76, 77, 86, 89, 102, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 120, 121, 134, 136, 150, 183, 191, 203, 204, 240, 253, 254, 263, 265, 269

M

Memória 123, 125, 132, 150, 194

Monteiro Lobato 5, 89, 90, 94, 95, 96, 99

N

Naturalismo 171, 174, 180, 189, 190

O

Obra 116, 117, 119, 121

Oficina 19

P

Pensamento 106, 107, 193

Personagens 30, 151

Psicanálise 86, 87

Q

Questões 102

R

Romance 108, 171, 180

T

Teatro português 171

Texto 9, 10, 24, 34, 77

V

Vida 6, 160, 167, 203, 224

Violência 232

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-496-2



9 788572 474962